



**GRAÇAS DO
PADRE CRUZ SJ**

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que descestes do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



Índice :

A «Mão Invisível».....	pág. 99
Mundo Carente de Misericórdia	pág. 102
O <i>Santo</i> Padre Cruz,	
Ministro da Misericórdia Divina	pág. 106
O Padre Cruz no Confessionário	pág. 110
Testemunhos da Vida do Padre Cruz.....	pág. 111
Dia de Todos os Santos.....	pág. 115
AVISO: Morada para Correspondência	pág. 118
Natal, o Verbo se fez Carne!	pág. 119
Deram Esmola e agradecem Graças	pág. 122
Campanha de Missas	pág. 128



A «MÃO INVISÍVEL»



É hoje muito abundante a literatura sobre a «mão invisível», uma metáfora para aludir às forças invisíveis que dominam o mundo, do ponto de vista económico e financeiro, mas que se expande e tenta aplicar também ao plano biológico, e o conduzem para um beco sem saída de asfixia económica, moral e espiritual. Este alerta das consciências é seguramente salutar, mas possui também um efeito perverso: espalha o medo na sociedade, dispondo-a a entregar-se nas mãos de possíveis salvadores, que não passam, afinal, de mercenários ao serviço desse poder anónimo e sem rosto que pretende dominar os destinos pessoais e coletivos do mundo atual. Antes os crentes viviam num certo temor, pois acreditavam estarem sempre na presença de Deus, cujo olhar justo e



misericordioso os acompanhava. Hoje o cidadão comum, crente ou não, é seguido e controlado pela «mão invisível», a partir do seu NIF ou do seu telemóvel, sendo então possível seguir os seus passos para onde quer que vá. Não pretenderá a «mão invisível» ou a ideologia do neodeterminismo mesmo biológico anular o que o homem tem de mais nobre que o identifica, ou seja, a sua «liberdade»?

Na tragédia do avião da «Germanwings» que voava entre Barcelona e Düsseldorf, o que mais me tem impressionado nos comentários é a preocupação em «desresponsabilizar» o copiloto, para assim mostrar ou demonstrar que não foi ele quem agiu, mas uma «força invisível» que o controlava e da qual foi mais vítima do que ator! Com isto, eu não pretendo fazer um juízo sobre aquele ser humano tão meu próximo, que isso só Deus sabe e só Deus pode; mas o que não posso é fazer coro com os que hoje, num repositório de teorias antigas e, por isso, sempre atuais, anulam a liberdade do homem, transformando-o num autómato sem personalidade como se fosse cego e surdo e tivesse de se deixar levar sem saber para onde nem por quem. É urgente salvar a dignidade humana no que ela tem de mais nobre e que já Aristóteles (385-322 a.C.), na *Ética a Nicómaco*, considerava ser a possibilidade de o homem conhecer a verdade e de a ela aderir, porque a verdade é o bem que o atrai e o salva. O cristão conhece a palavra de Jesus que diz: «conhecereis a verdade e a verdade vos libertará» (Jo 8,32). Aos olhos de Deus, que tudo vê com bondade e misericórdia e é a sua bondade que torna boas as coisas, cada homem é pessoa, com um nome próprio. Pelo contrário o número e o sem rosto é na Escritura a evocação do príncipe deste mundo, que se esconde por trás do número 666, como se pode ler no Apocalipse: «Fez com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, pusessem um sinal na mão direita ou na frente para que ninguém pudesse comprar ou vender, se não fosse marcado com o nome da Besta ou com o número do seu nome. É aqui que é preciso sabedoria. Quem for dotado de inteligência calcule o número da Besta, porque é o número de um homem, e o seu número é 666. (Ap 13,16-18).



Durante a Última Ceia, ao anunciar aos discípulos a vinda do Espírito Santo, o paráclito e defensor, no qual voltaria para estar sempre com os Seus discípulos, Jesus diz que «o príncipe deste mundo está condenado» (Jo 16,11). Isso não significa que a vida dos discípulos venha a ser fácil: eles vão participar no mesmo destino de Jesus, que passa pela perseguição e pela cruz. No entanto, não devem ter medo, porque eles vão participar na vitória de Jesus sobre o mundo: «Digo-vos isto para terdes paz em mim; no mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo» (Jo 16,33).

Em Fátima, ao mesmo tempo que chamava a atenção para o risco dos infernos na história e na escatologia - «vistes o inferno!...» -, Nossa Senhora disse aos Pastorinhos: «Não tenhais medo; eu serei o vosso conforto e o caminho que vos há de conduzir até Deus»; «No fim o meu Coração Imaculado triunfará».

As nossas vidas e o destino da humanidade não estão, portanto, ao dispor da «mão invisível». O «destino da humanidade» não é a destruição, mas a transfiguração na «cidade celeste», a «nova Jerusalém que desce do céu», já prefigurada e presente na Igreja: «E vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do Céu, de junto de Deus, bela como uma esposa que se ataviou para o seu esposo» (Ap 21, 2). O que está hoje a acontecer é resultado da fúria do dragão desesperado que espalha ódio e destruição sobre a humanidade, agitando desesperadamente a sua cauda (cf. Ap 12,4.17), porque sente que a sua cabeça se encontra debaixo do pé da Virgem Maria: «mas ela esmagará a tua cabeça!...» (Gn 3, 15).

Nunca como hoje a humanidade precisa de encontrar um lugar de «refúgio», de proteção. Que seja, sob o manto da Virgem Maria, que nos proteja e nos defenda e nos conforte, neste mundo tão ameaçado e perigoso, de modo a não termos medo nem perdermos a esperança, mesmo nas tribulações, tão abundantes na vida de cada um de nós.

P. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS





Mundo carente de misericórdia

O Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização foi encarregado pelo papa Francisco para organizar as iniciativas do Ano Santo Extraordinário da Misericórdia de Deus. Em breve, esse Dicastério dará instruções a todos os episcopados da Igreja sobre a preparação do Jubileu da Misericórdia.

Como de costume, serão incentivadas as iniciativas já tradicionais em todas as celebrações de Anos Santos: a Porta Santa, as peregrinações, as indulgências, as pregações e reflexões temáticas relacionadas com o tema do Jubileu. Mas o Papa deseja que isso aconteça em todas as Igrejas Particulares do mundo, e não apenas em Roma.



A celebração do Jubileu da Misericórdia de Deus, de fato, está profundamente relacionada com a proposta da “nova evangelização”. A misericórdia é da essência de Deus e da Boa Nova da salvação, anunciada pela Igreja à humanidade. Por isso, a “redescoberta” da misericórdia ajudará a Igreja e a humanidade a se reencontrarem com Deus de forma verdadeira e a se relacionarem com o próximo igualmente de forma verdadeira. Onde faltasse a misericórdia na vivência religiosa e humana, estaria faltando uma dimensão fundamental da vida e da convivência.

O Ano Santo da Misericórdia poderá ajudar a recuperar a relação correta do homem com Deus: o homem, desde Adão e Eva, tende a ser soberbo e a prescindir de Deus; foi essa a grande tentação de nossos primeiros pais no paraíso e que se repete ainda hoje: “sereis como deuses”. O homem esquece facilmente a sua condição de criatura frágil e dependente do Criador e que sua existência é fruto do amor misericordioso de Deus. E quando isso acontece, sua vida se desorienta. Aceitar humildemente que é filho da misericórdia de Deus: isso deixa o homem em paz e confiante na vida.

Outro aspecto da vida cristã que o Ano Santo da Misericórdia poderá ajudar a recuperar é a acolhida da misericórdia de Deus através do perdão e da reconciliação. Jesus Cristo deixou à Igreja o ministério da reconciliação dos pecadores. Mas este serviço essencial da Igreja anda meio esquecido. O Sacramento do perdão e da reconciliação não pode ficar descuidado na nova evangelização. Aliás, o anúncio do Evangelho tem um primeiro fruto, após a acolhida do querigma: o arrependimento e o pedido de perdão. Sem isso, o anúncio fica a meio caminho e não alcança o seu objetivo. Fazer a experiência do perdão e da misericórdia de Deus é das coisas mais salutares na vida humana e cristã.

Enfim, seria muito desejável que o Ano Santo da Misericórdia ajudasse todos os filhos da Igreja a retomarem a prática das “obras de misericórdia”. Elas são a expressão concreta da caridade e da misericórdia vividas por nós. Sem elas, nossos discursos sobre caridade, justiça e vida cristã poderiam ficar em estéreis considerações



intelectuais. A caridade é concreta e a misericórdia, também. A Igreja continua aconselhando a prática das obras de misericórdia “corporais” e “espirituais”. A prática da misericórdia concreta é recomendada por Jesus, para sermos dignos filhos de Deus: “sede misericordiosos porque o vosso Pai é misericordioso”.

O Sagrado Coração de Jesus é a imagem humana do amor misericordioso de Deus: “tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho único, para que não morra quem nele crer, mas tenha a vida eterna. De fato, Deus não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva”.

A misericórdia de Deus é bem explicada por Jesus nas parábolas da misericórdia: do bom samaritano, do filho pródigo, da ovelha perdida e da dracma perdida.

O papa Francisco tem dito diversas vezes que a Igreja é desejava de anunciar a misericórdia de Deus ao mundo e de convidar todos a viverem a misericórdia. O mundo está carente de misericórdia!

A virtude da misericórdia é o laço de fraternidade entre os homens, que salva e consola todos os que sofrem; é a imagem da Providência Divina, porque tem o olhar aberto às necessidades do próximo, é, sobretudo, a imagem da Misericórdia Divina.

A misericórdia de Deus é a perfeição da Sua ação, enviada sobre os homens com o objetivo de os retirar da miséria e de completar as suas falhas, é a Sua vontade de fazer o bem a todos os que sofrem. O ato singular de misericórdia é a compaixão, e o estado imutável de compaixão, a misericórdia. O relacionamento de Deus com as criaturas manifesta-se em afastar as suas falhas e em lhes conceder menores ou maiores perfeições. A concessão de perfeições considerada em si mesma, independentemente de qualquer circunstância, é uma obra da benevolência divina, que proporciona os dons a todos, segundo a sua predileção.

Por isso, ao indagarmos as primeiras causas e motivações da ação de Deus em nós, percebemos a misericórdia em todo ato divino. E visto que não é possível recuar, é preciso deter-se naquilo que depende



unicamente da vontade divina, ou seja, da misericórdia divina. Em toda a obra divina, de acordo com a visão que dela tivermos, podemos ver as perfeições divinas.

A vontade de Deus de proporcionar aos homens a Sua misericórdia e de despertar neles a confiança quer instruir-nos a respeito da Sua vida interior, do Seu relacionamento com as criaturas, de maneira especial com os homens. Deus quer ser glorificado por nós na Misericórdia, para que O imitemos nas ações.

Neste mundo, precisamos ter fé, esperança e amor. Precisamos ter fé e esperança porque acreditamos em algo que não vemos com os nossos olhos humanos e limitados.

São Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios, termina o capítulo 13 dizendo: “Agora, portanto, permanecem três coisas: a fé, a esperança e o amor. A maior delas é o amor”.

Devemos compreender que a virtude da misericórdia não nos é apenas aconselhada, mas é uma estrita obrigação de todo o cristão e principalmente do Filho da Misericórdia.

Muitas pessoas têm uma noção errada a respeito da misericórdia; pensam que praticando atos de caridade estão fazendo um favor e um sacrifício que depende da nossa vontade e do nosso coração bondoso. No entanto o que ocorre é inteiramente o oposto.

A virtude da misericórdia não é apenas um conselho que se possa seguir ou deixar de praticar sem pecado; ela é um direito estrito e ninguém pode eximir-se de a praticar. “Eu te ordeno: abre a mão em favor do teu irmão, do humilde e do pobre em tua terra” (Dt 15, 11).

A recompensa da misericórdia não se restringe a coisas temporais. Cem vezes mais valiosos são os bens espirituais com que Deus recompensa esta virtude, e encerram-se todos eles numa só palavra: perdão e graça junto de Deus. Esse é o maior bem, o mais valioso tesouro que podemos encontrar, se praticarmos a virtude da misericórdia em relação aos nossos semelhantes.

Se alguém teve a infelicidade de enfraquecer a sua fé e erra pela vida como um cego, seja misericordioso e nesse caminho reencontrará, sem dúvida, a luz celestial perdida. E se alguém ainda



não conseguiu atingir o conhecimento da Misericórdia Divina e por isso não pode imitá-la, comece a praticar a misericórdia em relação aos seus semelhantes e certamente se cumprirão em relação a ele as palavras do Salvador: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.

O Santo Padre Cruz

ministro da misericórdia divina

«É necessário voltar ao confessionário, como lugar no qual celebrar o sacramento da reconciliação e também como lugar onde “ habitar ” com mais frequência, para que o fiel possa encontrar misericórdia, conselho e conforto, sentir-se amado e compreendido por Deus e experimentar a presença da Misericórdia Divina, ao lado da Presença real na Eucaristia».

Com essas palavras o Santo Padre Bento XVI dirigiu-se aos confessores, durante o recente Ano Sacerdotal, indicando a importância e a conseqüente urgência apostólica de redescobrir o sacramento da reconciliação, como penitentes e como ministros.

Juntamente com a Celebração diária da Eucaristia, a disponibilidade para o atendimento das confissões sacramentais, a acolhida dos penitentes e, quando solicitado, o acompanhamento espiritual é a real medida da caridade pastoral do sacerdote e, com ela, o testemunho da alegre e correta assunção da própria identidade, redefinida pelo sacramento da Ordem, reduzida a mera função.

O Sacerdote é ministro, isto é, servo e também prudente administrador da divina misericórdia. A ele é confiada a gravíssima responsabilidade de «perdoar ou reter os pecados» (cfr. Jo. 20,23). Através dele, os fiéis podem viver – especialmente no momento atual da vida da Igreja, pela força do Espírito Santo, que é Senhor que dá a vida – a



jubilosa experiência do filho pródigo que mesmo tendo retornado à casa do pai por interesses vis e como escravo, foi acolhido e reconstituído na própria dignidade filial.

O PADRE CRUZ NO CONFESSIONÁRIO

Por J.C. Freitas Barros

Venho hoje desenrolar ante os prezados leitores alguns quadros da vida do Rev. Padre Dr. Cruz, onde se destacam vivamente o zelo, a prudência e a piedade com que aquele venerando Padre ministrava o Sacramento da Penitência, e justificam cabalmente aquela regra, a que já me referi: «Confessar, enquanto houver penitentes»...

Em geral, aquele piedoso Sacerdote confessava todos os dias em algum templo, principalmente onde havia a devoção do Sagrado Lausperene. Poder-se-ia dizer que nestas festas havia três elementos, que não faltavam: as Ladainhas dos Santos, o Terço dos Benditos e o venerando Padre Cruz com as suas pregações, orações e confissões.

Quem, de manhã ou ao entardecer, visitava o Sagrado Lausperene, lá destacava o Rev. Padre Dr. Cruz ou no púlpito, a pregar, ou no confessionário, a atender aos penitentes, ou, próximo destes dois lugares, de joelhos, cabeça inclinada para o lado esquerdo, olhos fitos na Divina Hóstia, a rezar, a rezar...

Muitas vezes, ia às cadeias do Limoeiro e das Mónicas para ouvir Confissões, e com o mesmo fim visitava enfermos, que o chamavam e aguardavam ansiosamente.

Já que aludi às suas Confissões nas cadeias, abro aqui um parêntese para narrar um episódio, ocorrido nas festas pascais do ano de 1914, na Penitenciária, onde o Rev. P. Dr. Cruz fora chamado com outros Sacerdotes, para a Desobriga de alguns presos.

Quando ele entrou em uma das celas, segundo a indicação que lhe fora dada, o prisioneiro recebeu-o muito agressivamente, maltratando-o e injuriando-o.



Logo que o guarda percebeu isto, correu a acudir, pretendendo castigar e algemar o prisioneiro; porém o venerando Sacerdote, com tal carinho e insistência desculpou o agressor, ante o natural pasmo do guarda, que aquele, subitamente, começou a chorar, a pedir-lhe perdão e quis confessar-se!...

Mas... volvamos ao assunto da Crónica.

Quando o Rev. Padre Dr. Cruz se dispunha a confessar nos Templos, antes de entrar no confessional, prostrava-se a rezar em voz alta para que os fiéis o acompanhassem. Estava já revestido com a sobrepeliz e sobre o braço esquerdo tinha dobrada a estola violácea.

Ao terminar a oração, impunha a estola, abria a porta do confessional, volvia-se para os fiéis e dirigia-lhes breves palavras sobre as condições necessárias para a Confissão, insistindo sobre o Exame de consciência, sobre a Contrição e sobre o Propósito de emenda. Quase a acabar, fitava particularmente os penitentes do sexo feminino, dizendo-lhes com firmeza: «As Confissões querem-se frequentes, mas curtas e contritas». E repetia: «Confissões curtas e contritas».

Estas duas qualidades da Confissão eram por ele justificadas, quando pregava, apresentando considerações práticas, onde se notavam a sua profunda piedade e larga experiência do ministério de Confessor.

Contudo, esta regra não a applicava quando os penitentes eram homens, aos quais, em geral, atendia ou nalguma dependência mais recolhida do templo, ou na sacristia, e com largueza de tempo. Então, tirava a sobrepeliz, tomava a capa, assentava-se logo que o penitente ajoelhava, debruçava-se sobre ele, como que a abraçá-lo, puxava a capa e envolvia-se nela com o penitente, no colóquio sacramental.

Deus sabe o que se passava sob as dobras daquela capa!...

Nunca deixava de receber os homens. Em uma vez, em determinada vila, onde estava a pregar um Tríduo, no dia seguinte à festa anunciou aos fiéis que deveria partir, decorridos quinze minutos, visto estar terminada a sua missão. Passou pela sacristia, a despedir-se do Rev. Pároco, e ia a sair. Entretanto, apareceu-lhe um homem daquela



localidade (um advogado, ainda jovem, quase incrédulo) o qual se aproximou do bom Padre Cruz, dizendo-lhe: «Muito gostei de sentir a sua fé em Deus e o seu amor pelos pobres. Quem me...». O Rev. Padre Dr. Cruz não o deixou continuar. Segurou-lhe com delicadeza nas mãos, conduziu-o para um dos cantos da sacristia, fitou-o com aquele «sorriso angelical», que lhe era peculiar, disse-lhe quaisquer palavras em voz baixa, fez-lhe sinal para que ajoelhasse, ao mesmo tempo que ele se assentava, e... lançou-lhe sobre os ombros a sua capa... (ia a escrever a rede). Era a confissão que começava...

Lá fora ouvia-se silvar a máquina do comboio, onde o Rev. Padre tinha lugar marcado; mas, ali, a um canto da sacristia, à sombra do velho Crucifixo de marfim, que se erguia na parede, decidia-se a salvação de uma alma; pois a verdade é que, desde aquele dia, a pessoa, que ele confessara, nunca mais deixou de receber a Sagrada Comunhão, quotidianamente!

«Confessar enquanto houver penitentes...»

Aqui está como o malogro de uma viagem se tornou em meio de santificação de uma alma.

Este acontecimento, que, logo, se tornou conhecido na populosa vila, teve larga influência naquele meio; e não foi semente aquele o miraculado daquela tarde. Após ele, outros... “peixes graúdos caíram” (caíram? não digo bem) foram pescados por entre as malhas da capa do santo Sacerdote, pois ele continuou naquele mesmo lugar, toda a tarde, sempre a confessar.

Costumava o Rev. Padre Dr. Cruz aconselhar os pregadores dos Tríduos e Novenas que no dia da Festa não saíssem das localidades, onde pregavam, e ficassem para o dia seguinte, aguardando os retardatários, que (dizia ele) sempre apareciam. «Estes (continuava ele) eram os jornaleiros da undécima hora, de que fala o Evangelho, e quase sempre tornavam-se muito fervorosos, para que no futuro recuperassem o fruto perdido nos dias da ociosidade».



Esta heróica disposição «Confessar enquanto houver penitentes...» pode dizer-se era constante no venerando Padre.

Uma vez apareceu ele em determinada cidade da Beira Baixa, de passagem para uma paróquia vizinha, onde deveria pregar um Tríduo.

Foi recebido em casa de pessoas muito piedosas, da sua amizade, enquanto não seguia para o seu destino. Um quarto de hora antes do jantar, foi ali um médico a seu pedido, para lhe dar uma injeção, pois o venerando Padre estava fatigado.

Logo se retiraram ambos para o quarto, dizendo o Rev. Padre que não demorariam além de quinze minutos. Entretanto tudo se dispunha para o jantar. Decorreram, porém, trinta, quarenta minutos, sem que voltassem. Afinal, quase uma hora depois, surgiram eles. Vinham radiantes. O médico falou logo, dizendo: «Estavam inquietos? E natural. Desculpem a demora. Imaginem: eu vim para dar uma injeção, e, por fim fiz... a minha primeira Confissão»!...

Ouvi algures que em determinada praia nortenha sucedera com o mesmo Rev. Padre e o médico local um outro caso idêntico.

Ainda queria narrar este acontecimento que ouvi contar ao Rev. Padre Beirão, que foi Prior da Igreja de Santa Maria Madalena, de Lisboa: Em Abril de 1908, por ocasião do grande terramoto, estava o Rev. Padre Dr. Cruz a confessar naquela igreja. De repente, todo o templo estremeceu, sacudido pela violência do abalo sísmico, correndo para as ruas os fiéis, que lá se encontravam. O confessorário, onde estava o Rev. Padre Dr. Cruz, quase se despregou da parede, levantando-se o penitente e pretendendo fugir. Mas o bom Padre segurou-o com bondade e exclamou em voz alta: «Fiquemos todos onde nos encontramos, junto de Nosso Senhor, e continuemos a rezar e a confessar». Lá fora o terror e a confusão cresciam; mas o santo Padre Cruz continuava no seu posto!...

«Confessar enquanto houver penitentes...», proclamava tantas vezes o santo Sacerdote. De facto, nada havia que pudesse impedi-lo do cumprimento daquilo que constitui um dos mais sagrados deveres do ministério sacerdotal.





TESTEMUNHOS DA VIDA DO PADRE CRUZ

DIRECTOR ESPIRITUAL

Depois de ter confiado a Direcção do Colégio dos Órfãos aos Salesianos, o Cardeal Patriarca de Lisboa nomeou-o Director Espiritual do Seminário Menor de Farrobo, próximo de Vila Franca de Xira, tarefa que ele desempenhou com muito amor e dedicação pois poucos sentiriam como ele como era importante a formação de bons sacerdotes. Celebrava missa muito cedo, rezava o Ofício Divino para depois poder orientar calmamente a meditação dos seminaristas. Mais que com as palavras, ensinava com o exemplo. Era um modelo perfeito de piedade, simplicidade e sobriedade. Com a maior naturalidade deste mundo fazia pequenos sacrifícios, como não beber vinho às refeições, o que não passava despercebido por quem vivia ao seu lado.



Aproveitando o tempo em que os seminaristas estavam ocupados nas aulas, começou a intensificar a visita aos doentes, a quem sempre levava uma palavra de conforto e esperança, encaminhando os que andavam arredios da igreja para o arrependimento que terminava sempre com uma confissão sincera.

Quando em 1896 o Seminário de Farrobo se mudou para S. Vicente de Fora, ele continuou como Director Espiritual passando a residir, bem contra a sua vontade, nesse sumptuoso edifício durante 14 anos.

Aqui ele intensificou a sua actividade apostólica junto dos doentes e dos presos. Visitava frequentemente o Limoeiro e as Mónicas, onde ouvia muitas confidências e desabafos.

Aos Domingos, acompanhava muitas vezes o Cardeal Patriarca nas visitas pastorais dando largas ao seu ardor apostólico sobretudo atendendo as pessoas de confissão. Como, regra geral, as refeições eram mais demoradas, ele despachava-se mais cedo e corria para o confessionário onde passava todas as horas disponíveis que o programa da visita pastoral lhe deixava.

Mais uma vez, esta intensa actividade fez-se ressentir na sua débil saúde. Em Maio de 1899, adoeceu com uma pleurisia. Depois de um período relativamente breve de tratamento, voltou ao Seminário e continuou o ritmo de vida normal.

PERSEGUIÇÃO

Em Portugal, desde longa data, há uma certa tendência anticlerical. Nos últimos anos da monarquia esse anticlericalismo acentuou-se mais e veio desembocar na perseguição à Igreja declarada abertamente pela primeira República. A palavra-chave que concentrava todo esse ódio eram os jesuítas. Estes religiosos, para os inimigos da Igreja, representavam o alvo a abater pela influência que tinham no país.

O Padre Cruz, que tanto desejava ser jesuíta, viveu nesse período difícil. Não obstante a simpatia generalizada de que gozava, foi muitas vezes insultado e vaiado.

Certo dia um grupo de rapazes vendo-o passar numa praça de batina (o Padre Cruz nunca acatou a ordem que proibia o hábito eclesiástico) gritou:

- Jesuíta! Jesuíta!



O santo sacerdote tirou algum dinheiro do bolso e disse:

- Ide comprar pão à padaria mais próxima e, sempre que me virdes, podeis chamar-me jesuíta. De facto, ainda não sou jesuíta mas desejo ardentemente sê-lo algum dia.

Outra vez ia a passar diante do cemitério de Baleizão quando alguns trabalhadores começaram a provocá-lo

- É atirar-lhe como se atira aos lobos. Ladrões! Andam a roubar o povo!

Felizmente houve outros que ergueram a voz a defendê-lo.

Visitador assíduo das prisões, foi um dia ao Limoeiro. Quando ia a passar em frente da cela do seu amigo Dr. Fiel Viterbo, preso político, perguntou:

- Doutor, precisa de alguma coisa?

Quando lá voltou, da vez seguinte, comunicaram-lhe à saída:

- O Senhor Director deu-nos ordens para que não saísse sem falar com ele...

Depois de longa espera, o, Padre Cruz perguntou: — Ainda demorará muito?

- Hoje já não vem...

À espera do Director que nunca chegava, o Padre Cruz passou lá, incomunicável, aquela noite e mais oito dias... O que mais lhe custou como prisioneiro foi não poder celebrar missa. Ao fim desses oito dias, foi despedido com um louvável (!) gesto de bondade da parte do Director que lhe disse que o seu nome não ficava lá registado e que nem sequer o obrigava a pagar a carceragem.

Certo dia, em Setúbal, um homem aproximou-se dele e implorou:

- Senhor Padre Cruz, venha atender um meu amigo que está na cama muito doente!

Sempre pronto a socorrer quem quer que precisasse dele, o Padre Cruz seguiu-o até ao casebre onde estava o tal doente. Quando se aproximou da cama, notou que ele já estava morto e desabafou:

- Não há nada a fazer! Já deixou este mundo. Então, aquele que o tinha convidado caiu-lhe aos pés dizendo:

- Perdão! Eu e o meu companheiro tínhamos decidido matá-lo. Ele é que estava encarregado disso... Eu apenas o fui chamar.



E levantando as mantas, mostrou-lhe a arma escondida.

- Meu filho, pede perdão a Deus e arrepende-te fazendo uma boa confissão.

Este clima anti jesuíta e anti clerical explodiu com a proclamação da República no dia 5 de Outubro de 1910.

Nesse dia, o Padre Cruz encontrava-se em Cernache do Bonjardim a orientar uns Exercícios Espirituais. Mal terminou, dirigiu-se para a Covilhã para, uma vez mais, pedir a sua admissão na Companhia de Jesus. Também uma vez mais, lhe foi dito que se conservasse em Portugal porque, com a expulsão das Ordens Religiosas, os cristãos precisariam mais da sua presença.

Já em 1901, o Director do Noviciado do Barro, P. Francisco Pereira, vendo a sua notória falta de saúde, tinha respondido à sua petição para entrar na Companhia de Jesus deste modo:

- Ó meu padre, nós (os jesuítas) não temos o monopólio da glória de Deus e, por isso, continue a servir a Deus lá fora, porque não tem forças para abraçar a vida religiosa.

Apenas um episódio que manifesta o ódio contra a Igreja e contra os jesuítas. No próprio dia da implantação da República, um grupo de revolucionários dirigiu-se para o Colégio do Barro gritando “morras”. Dispararam sobre o mesmo mas não se atreveram a tomá-lo porque se dizia que lá se encontravam 500 homens bem armados dispendo de peças de artilharia. Quando, no dia seguinte, invadiram cautelosamente o Colégio, apenas encontraram uma comunidade pacífica de 91 pessoas constituída por Padres, Irmãos Coadjuutores, noviços e estudantes. Foram feitos prisioneiros e, levados, entre apupos, insultos e vaias, para o Forte e para a prisão do Limoeiro.

Se o Padre Cruz já visitava regularmente esta prisão, a partir desta data intensificou mais as suas visitas para poder ajudar espiritualmente os seus irmãos jesuítas e até lhes fez chegar um avultado donativo do Cardeal Patriarca de Lisboa para pagarem a viagem para o exílio.

Vida do “Santo” Padre Cruz
Editorial Missões
CUCUJÃES





*Dia de Todos os Santos:
Um dia para a Esperança!*

Se perguntamos na rua quantos santos existem, provavelmente vamos escutar como resposta algo do tipo: “Vários; Não sei, um monte; São tantos que não tenho nem ideia.” Talvez comecem a enumerar alguns deles: “São Francisco, São Paulo, Santa Teresa, São Sebastião...” e assim por diante.



É verdade que existem muitos santos conhecidos e reconhecidos pelos feitos que fizeram, pela importância que tiveram em uma determinada época e lugar. Mas existem muitos outros santos que não estão nos altares. E eles são muito mais numerosos dos que os que conhecemos.

São pessoas comuns que buscaram viver a vida como Jesus viveu e nos convidou a viver. São os que levaram a sério o chamado de Jesus no silêncio de suas próprias vidas.

Porque celebramos na Igreja o dia de todos os santos?

No dia de hoje lembramos de toda essa “grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas” que nos fala o livro do Apocalipse. É como se o céu se abrisse para nós, para que os possamos contemplar vivendo felizes na Glória de Deus.

Celebramos esse dia para que todos os santos possam “despertar em nós o grande desejo de ser como eles: felizes por viver próximos de Deus, na sua luz, na grande família dos amigos de Deus”, como nos diz o Papa emérito Bento XVI em uma homilia na festividade de todos os santos.

Olhando para os santos, lembramos que estamos nessa terra como peregrinos, com um destino, o Céu, e não como errantes, perdidos nesse mundo. A nossa vida teve um começo, mas não terá um final porque somos chamados a viver eternamente com Deus. Jesus, com sua vida, paixão, morte e ressurreição, nos abriu as portas do Céu. Cabe a cada um de nós acolher esse dom em nossas vidas.

Um dia para a esperança!

Acolher esse dom não é uma tarefa sempre fácil. Muitas vezes somos tentados pela desesperança por causa dos vários trabalhos que



precisamos realizar, pelas contradições que vivemos interiormente, por nossos pecados e pelas injustiças que presenciamos.

Os Santos estão também no céu para mostrar que realmente é possível, com a Graça de Deus, viver como filhos e filhas de Deus apesar de todas as dificuldades. Nos santos, vemos que o poder de Deus é mais forte que o poder desse mundo. Os santos nos dão esperança! Uma esperança que nunca vai nos desiludir.

O Papa Francisco, no dia de todos os Santos do ano passado lembrou uma figura antiga que usavam os primeiros cristãos para falar da esperança. Eles a comparavam com uma âncora que estava ancorada no Céu. Por mais que o barco da nossa vida possa passar por tempestades violentas, se temos a nossa âncora lá junto com os santos, esse barco nunca vai afundar.

Façamos a pergunta que o Papa nos fez naquela ocasião: “Onde tenho posta a âncora da minha vida?” Será que a tenho posta nas coisas deste mundo, que vão passar e que portanto não são um lugar seguro?

Sejamos Santos!

Lembremos hoje do insistente chamado à santidade que Deus tem feito a cada um de nós. O Papa Bento XVI define assim a santidade: “Ser santo significa: viver na intimidade com Deus, viver na sua família. Esta é a vocação de todos nós”. Sejamos santos nesta vida para poder viver com Deus eternamente no Céu.

Certamente não é uma tarefa fácil, mas não estamos sozinhos, todos os nossos irmãos que nos precederam em santidade intercedem por nós para que cheguemos ao final dessa jornada. E o próprio Deus nunca nos deixa de assistir com a sua Graça para que nos conformemos cada vez mais com seu Filho Jesus.



AVISO

Morada para onde deve
ser enviada
toda a correspondência
relacionada com a
Causa de Canonização
do Padre Cruz :
Apartado 2661
1117-001 LISBOA



*Natal:
O Verbo se fez
carne!*



A missa do dia de Natal nos apresenta, a cada ano, um dos textos mais belos do Novo Testamento: o prólogo do Evangelho de São João (Jo 1,1-18). O evangelista João abre o seu Evangelho de modo explícito e direto, dizendo três coisas muito importantes. A primeira é que o Verbo de Deus se fez carne e que na humildade que assumiu na Sua carne, nós podemos contemplar, verdadeiramente, a glória de Deus, isto é, a Sua identidade profunda (cf 1, 14.18).

A segunda é que o Verbo de Deus manifestado na humildade da natureza humana é também aquele por meio do qual foi criado o mundo, e tudo o que existe (cf 1,2). De fato, o Senhor do universo, através do Filho, nos permite ver como n'Ele convivem a majestade e a humildade: dele se pode dizer que a humildade é esplendorosa e que esplendor é simples.



A terceira questão diz respeito mais diretamente a nós, destinatários da mensagem: “Mas a todos que O acolheram, deu-lhes o poder de virem a ser filhos de Deus, àqueles que creem em Seu nome (1,12). Deus se revelou não apenas para tornar-Se conhecido pelo homem, mas também para envolvê-lo numa relação de amor, e para partilhar conosco a sua própria vida divina, por meio do Espírito Santo. Em cada Santa Missa, ao celebrar este mistério o sacerdote, quando prepara o cálice, diz em voz baixa: “Pelo mistério desta água e deste vinho possamos participar da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo que se dignou assumir a nossa humanidade”.

A humildade da carne, à luz da fé, torna-se um mistério e um esplendor, porque foi escolhida por Deus para entrar e agir na história.

A primeira leitura (Is 52,7-10) lembra-nos como no Verbo feito carne está a manifestação do reinar definitivo de Deus na história (“reina o teu Deus”); a segunda leitura sublinha, por sua vez, o Filho como a Palavra definitiva de Deus que, na história, já havia falado através de diversas maneiras, especialmente por meio dos profetas (Eb 1,1-6).

Mas foi quando Deus se fez carne que a salvação se manifestou de fato e definitivamente. O homem, realmente, é o ápice da criação, não somente porque é a criatura mais complexa, criado pouco “abaixo” dos anjos (cf Sl 08), mas também no sentido espiritual e moral, porque criado à imagem e semelhança de Deus, como projeto e objetivo do Criador.

A meta, portanto, dos que creem é tornarem-se humanos à imagem do homem Jesus de Nazaré, que ao nascer, revela o rosto de Deus e ao mesmo tempo, revela em Si, o projeto de como deve ser o ser humano. Em Jo 19,5, Pilatos dirá: “Eis o homem!”, pois n’Ele resplandece a imagem e semelhança de Deus.

Jesus mostrou-nos um novo modo de existir, indicando-nos a possibilidade de ver os outros como irmãos, de perdoar e de ser perdoados, de partilhar o pão. Manifestou este amor até mesmo no sofrimento da cruz, e por isto mesmo celebramos o Seu Natal.



Celebrar o nascimento de Nosso Senhor quer dizer recordar o início desta história para perceber que todas as promessas de Deus foram cumpridas. São Paulo na carta aos Romanos lembra esta verdade ao dizer que o Pai constituirá a Jesus Filho de Deus em plenitude, ressuscitando-O dos mortos (cf Rm1,4).

Naquela criança deitada na manjedoura já está presente a forma completa da Obra que Deus quer realizar através d’Ele; aquele menino é “salvação de Deus”. Jesus não nasce no meio das pessoas importantes, de acordo com os valores e critérios do mundo. Pelo contrário, nasce no meio dos pobres e sem importância aos olhos do mundo, para tornar importantes os pobres e não acolhidos pela vida, para torná-los importantes e escolhidos, segundo os critérios de Deus.

No nascimento de Jesus, está clara a ação de Deus que conduz o homem à sua plenitude, pela qual é possível amar, ainda que estejamos imersos num mundo onde o ódio está sempre presente; é possível doar-se, ainda que vivamos numa sociedade egoísta; é possível chegar à comunhão e à participação, mesmo vivendo na cultura do individualismo.

Que o Senhor nos conceda conservar e aumentar a chama da nossa fé, para que possa conduzir-nos e confortar-nos no caminho desta vida. Que o nascimento do Menino Jesus renove as suas esperanças e alegrias! Que onde havia tristeza, possa nascer a alegria; onde havia trevas que brilhe a Sua Luz; que a amizade floresça onde havia inimizades e guerras; que o desânimo dê lugar à esperança!

Desejo-lhe e à sua família e comunidade um ano novo abençoado! Deus está connosco! A Sua Nova e Eterna aliança tem agora um rosto de Criança para cumprir a Promessa da salvação! Em nome de toda a nossa Família Inaciana, desejo-lhe toda a Paz que traz o nascimento do Menino Deus. Um grande abraço! Feliz Natal!

*Frei Alfredo Francisco de Souza,
SIA – Superior dos Missionários Inacianos*





Agradecem as graças alcançadas por intercessão do *Santo Padre Cruz* e, em sinal de gratidão, contribuíram para a Causa de Canonização do Servo de Deus.

Venho agradecer ao Padre Cruz a graça concedida à minha neta, as febres e os gânglios que ela teve, após fazer os exames, nada acusaram e ficou bem. O cansaço desapareceu e começou a fazer a sua vida normal como médica.

Só temos recebido graças através do Padre Cruz, noutra altura bem difícil da vida do meu filho, tudo correu bem através de sua intercessão.

Maria Beatriz Barros Lima (Lisboa);

Venho agradecer ao meu Santinho as imensas graças que me tem concedido, a minha avó materna sempre me dizia: “Confia nele [Padre Cruz], tem fé, que ele atende a todos”.

Obrigado *Santo Padre Cruz*.

Paula (Paços de Ferreira);

Ficando doente, com fortes dores no peito e costas devido a uma grave gripe. Pedi ao nosso *santinho* a sua intercessão junto de Deus e ouviu-me, fiquei bem, sem sequelas, obrigada Padre Cruz.

Pelos meus filhos, graças também alcançadas pela minha amiga Carla e por muitas e muitas graças recebidas toda a minha vida e pelo meu filho Francisco.

Rosa Maria Mesquita (Lixa);

O meu filho estava cheio de receio, extremamente angustiado em relação a uma intervenção cirúrgica a que teria de ser submetido.



Recorri mais uma vez ao *Santo Padre Cruz*, rezando a novena, para que fossem superadas as dificuldades. Graças a Deus, assim aconteceu, tendo corrido tudo extraordinariamente bem.

Por ter atendido a nossa prece, o meu agradecimento a Deus, por intercessão do *Santo Padre Cruz*.

Abílio Oliveira (Lisboa);

Venho agradecer as muitas graças recebidas por intermédio do Padre Cruz, a quem recorro todos os dias.

O Padre Cruz é meu companheiro e meu amigo, irmão que me dá a luz de Jesus, nas minhas doenças, aflições e alegrias e aqui estou mais uma vez a agradecer por me ajudar, aos meus filhos, netos e marido.

Obrigada pelas bênçãos dos céus nos lares dos filhos, noras e netos e no meu lar. Padre Cruz junto de Deus e Nossa Senhora, agradeço e que me continue a ajudar e a ouvir os meus problemas e a interceder por nós.

Maria do Carmo (Barreiro);

Eu queria agradecer muito, mas muito uma grande graça que obtive do nosso bondoso Padre Cruz, que nunca me esqueci de rezar a este santo; para mim é o que ele é, um bom santo.

O casamento de um sobrinho estava por um fio, comecei a pedir com muita fé ao santinho, que me ouviu o que agradeço muito.

A. L. (Torres Novas);

Agradeço graças que me foram concedidas pelo *Santo Padre Cruz*.

Agradeço ao *Santo Padre Cruz* por me ter ouvido em tantas graças que eu pedi, quando a minha netinha nasceu e tudo correu bem e mais tarde teve um problema de saúde e graças ao *Santo Padre Cruz*, tudo agora estava bem.

Outro pedido que eu lhe fiz foi por uma pessoa amiga que não conseguia arranjar trabalho e, com o meu pedido, quase de um dia para o outro começou a trabalhar.



Peço e agradeço, em tudo sou ouvida, a minha fé é muito grande. Trago sempre comigo para poder pedir pelas minhas filhas e meus meninos, para que tenham sorte na vida, que os meus netinhos cresçam para o caminho do bem.

Obrigada, meu *Santo Padre Cruz*.

Maria Céu Ladeira Pinto (Gouveia);

Agradeço ao Santo Padre Cruz uma graça recebida. O meu filho, António Paulo fez uma operação ao intestino, tendo tirado 30cm e graças a Deus e ao Santo Padre Cruz tudo correu bem e o meu filho começou a trabalhar após 45 dias de baixa.

Por isso, quero agradecer ao santinho Padre Cruz tudo e pedir que continue a ajudar o meu filho.

Ana de Sá (Vila Nova de Gaia);

Venho agradecer a Deus as graças alcançadas através do seu discípulo Padre Francisco da Cruz.

Dia 29 de agosto de 2014 ia ver uma pessoa e ao atravessar na passadeira com o sinal aberto para mim, estava pondo o pé já no passeio, quando o sinal abriu. Um táxi arrancou logo e derrubou-me, querendo continuar, mas o Reverendíssimo Padre Cruz não deixou que me matasse.

Prudência da Graça Almeida (Lisboa);

Venho agradecer ao bondoso Padre Cruz todas as graças concedidas.

Estive mal, com algumas quedas que dei, mas estou um pouco melhor com os tratamentos.

O meu marido esteve muito mal no inverno, com gripe e bronquite, mas graças a Deus e ao Padre Cruz, ficou muito bem, também de outros problemas de saúde.

Muito obrigado meu bom Padre Cruz por ter ouvido as minhas preces.

Maria de Lurdes Abrantes (Canas de Senhorim).





*D*ERAM ESMOLA

e

*A*GRADECEM GRAÇAS

António Matos Rolo (Gavião); Maria M. Matos (Barcelos); Maria Sebastiana Barrocas (Lisboa); Otília da Ressurreição Afonso (Bragança); Elza T. Sousa (New Bedford, EUA); Margarida G. Derouen (Cocoa, EUA); Joaquim da Fonseca (Sernancelhe); Arminda da Conceição Tomás Silva (Sintra); Maria Azevedo da Silva (Porto); Maria Madalena Coelho Guimarães (Belas); Rosa Marques Miranda (São Clemente de Sande); Aldina Carvalho (Ontário, Canadá); Júlia Ferreira (Senhorim); Belmira Maria Dias (Sertão); Maria Lopes (Coimbra); Laurinda Moura de Almeida Santa Maria (Lisboa); Armin-

da Prazeres Mesquita Boavida (Bucelas); Cecília Canilhas Rijo Dominguês (Portalegre); Emília Soares da Silva (Portimão); Olga Diniz (Kanata, Canadá); Maria de Lourdes Ribeiro (Santarém); Ermelinda O. Pedrosa Ribeiro (Porto); João de Almeida Queiroz Júnior (Arouca); Olívia Machado Abreu (Guimarães); Maria Luísa de Almeida Carapinha e Silva (Alhos Vedros); Manuela Mendonça (Sabugosa); Manuel Caeiro Costa (Cascais); Irene Bivar (Lisboa); Edviges Guerreiro Silva (Baixa da Banheira); Laurinda Fernandes Santos (Lisboa); Maria Lucinda Moura Fernandes (Rio Tinto); Maria Beatriz



Barros Lima (Lisboa); Maria Helena Costa (Braga); Precília Conceição Catarino (Trevões); Raul Manuel Leite Ribeiro Sousa Monteiro (Paredes); Alcinda Deveza Queiroga (Apúlia); Manuel Duarte Lopes Macedo (Ribeirão); Clementina Tavares da Silva (Lever); Rosa de Jesus Barbosa Leão dos Santos (Lustosa); José Alberto Poças Martins (Porto); Paula Almeida (Lisboa); Maria Alexandra Bettencourt Brito (Lisboa); Maria Luísa Magro Oliveira (Lisboa); Esmeralda Lopes (Lisboa); Maria Fernanda Antunes (Lisboa); Alberto Ricardo (Santo Isidoro); Manuel Correia Pereira (Valença); Rosa de Jesus Barbosa Leão Santos (Lustosa); Rosa Maria Gonçalves Mesquita e Maria Emília Teixeira (Lixa); Ana Rosa Ferreira de Sá (Vila Nova de Gaia); Maria Inês Matos (Barcelos); Paula Nogueira (Paços de Ferreira); Francisco G. Santos (Linda-a-Velha); Abílio Oliveira (Lisboa); Maria Isabel Jesus (Funchal, Madeira); Maria Regina Sousa Dias Alves (Valongo); Hermínia T. Cotta (New Bedford, EUA); Eva Santos (Petaluma, EUA); Linda Rosa Nunes Rocha Couto (Penafiel); Maria

Luísa Almeida (Coimbra); Maria Glória Ferraz (São Paio de Merelim); Maria Emília Arêzes Bessa (Porto); Ilídio Tavares de Almeida e Silva e Maria Arlete da Silva (Oliveira de Azeméis); Maria da Conceição Vasconcelos Basto Soares Gomes (Ermesinde); Manuel Araújo Amorim e família (Alcabideche); Maria Teresa R. Correia Pires Rocha (Cantanhede); Mariana Araújo Ponte e Sousa (Sousel); Maria Manuela F. R. Sousa (Lisboa); Maria Emília Rodrigues Sousa (Lisboa); Maria do Carmo Pereira Macedo (Barreiro); Isabel (Arruda dos Vinhos); Ludovina Lopes Fernandes Carvalho (Almada); Maria Leonor Pinto (Óbidos); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); António Maria Rodrigues da Silva (Parada de Bouro); Albertina Fernandes Gomes (Valença); Maria Adelaide Pereira (Madalena do Pico, Açores); Maria Cidalina Santos (Águeda); G. Maiano (São Vicente, Cabo Verde); Manuela Alice Oliveira Estrela (Sardoal); Rosélia de Fátima Correia Vicente Gomes (Paderne); Ana Leal (Torres Novas); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Rita Teixeira Lobo (Porto);



Maria Manuela Sá R. Ribeiro (Midões); Adelina Ana Barbosa Pimenta; Maria Conceição Freitas; João Carlos da Silva Bastos; Paula Abreu; Rita Margarida F. Lobo (Porto); Beatriz Marques Fernandes (Guimarães); Maria Amélia de Sá Rodrigues Fernandes (Rio Meão); Maria Luísa Gomes Correia dos Santos Almeida (Coimbra); Maria Augusta Santos Ramos Silva (Ansião); Daniela Freitas (Algueirão); Adelaide Jesus Posmina (Lisboa); Camila Eva Vieira (Lisboa); Conceição Henriques; Maria Céu Ladeira Pinto (Gouveia); Maria Helena Rosa Ferro (Beja); Marcelina Alves Eiras (Pontinha); Maria dos Anjos Leonardo (Amadora); Maria Joaquina Proença (Guarda); Maria da Luz Pinto Leite Magalhães (Maia); Mário Manuel Menezes Andrade (Rio Tinto); Deolinda Sequeira (Lisboa); Antónia Maria Azeitão Gomes (Camarate); Daniel Leal Craveiro; Maria Alina Garcia (Porto); Alice Machado Morgado (Costa da Caparica); Maria de Fátima Monteiro (Valongo); Emília Pinto; Maria Leonor Gomes (Lisboa); Alzira Conceição Carrapiço Nunes Ralo e Maria Júlia Picado Nunes (São Salvador de Aramenha); Victor Manuel Sousa e família (Amadora); Carmina Sequeira Matos (Aigualva-Cacém); Maria Lina Silva (Ermesinde); Maria da Conceição Mourão Azevedo Fernandes (Póvoa de Santo Adrião); Maria Antonieta Avelar (Ontário, Canadá); Ana de Sá (Vila Nova de Gaia); Arminda Ferreira Nogueira Silva (Fiães); Margarida Morgado (Etobicoke, Canadá); Leonília Sequeira Ferreira (Santarém); Laura Soares (Bragança); Alice de Jesus da Costa Pé-Curto (Costa da Caparica); Maria de Fátima Teixeira Dias Magalhães (Maia); Maria Ivone de Almeida (Vila Nova de Gaia); Maria Lúcia Silva Arrais (Colares); Maria Celina Gomes (Lisboa); Maria Fernanda Fernandes (Braga); Maria das Dores Ribeiro (Braga); Beatriz de Fátima da Conceição Morais (Coimbra); Maria do Carmo Ferreira Sousa Teixeira (Vila Real); Orlando Marcos Alves Miranda (Carvalho); Frederica de Melo Barroco (Vila Nova de Gaia); Maria Dores Marques Graça Machado e Carla Maria Gomes Vieira (Senhora da Hora); Maria Alzira Costa Moutinho (Nogueira).





Campanha de Missas pela Beatificação do Padre Cruz

António Xavier Forte (Escudeiros); Glória Mendes Santos Pita (Almada); Ana Adelaide Dâmaso Campos Alves (Lousada); Otilia da Ressurreição Afonso (Bragança); Joaquim da Fonseca (Sernancelhe); Jorge Manuel Fonseca Almeida (Lisboa); Alcinda Deveza Queiroga (Apúlia); Manuel Duarte Lopes Macedo (Ribeirão); Rosa Maria Gonçalves Mesquita (Lixa); Hermínia T. Cotta (New Bedford, EUA); Maria Teresa Oliveira (Olival Basto); Eva Santos (Petaluma, EUA); Jorge Manuel Fonseca Almeida (Lisboa); Maria Emília Rodrigues Sousa (Lisboa); Maria Helena Lages Costa (Barcelos); Maria Manuela Sá R. Ribeiro (Midões); Maria Céu Ladeira Pinto (Gouveia);

António Jesus Araújo Braga Tinoco (Braga); Alice Machado Morgado (Costa da Caparica); António Forte (Escudeiros); Maria Sameiro (Amadora); Orlando Marcos Alves Miranda (Carvalhal); Anabela Oliveira (Rio de Mouro); Clemência da Graça Almeida (Lisboa); Maria Teresinha Jesus Gomes Freitas Almeida Silva (Almada); Elvira Martins Ribeiro (Peso da Régua); Alcinda Deveza Queiroga (Apúlia); Maria Inês M. Matos (Barcelos); Maria Beatriz Alves G. Guerra (Benavente); Cecília Maria Dentinho da Silva (Meãs do Campo); Maria da Piedade dos Santos (Rio Tinto); Fernanda Caiado da Silva (Castelo Branco); Angelina Barbosa Marinheiro (Vila Verde).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

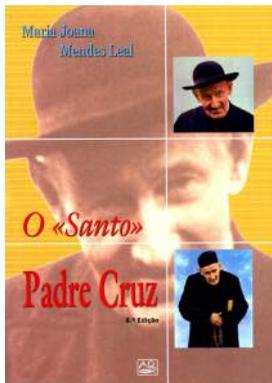
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

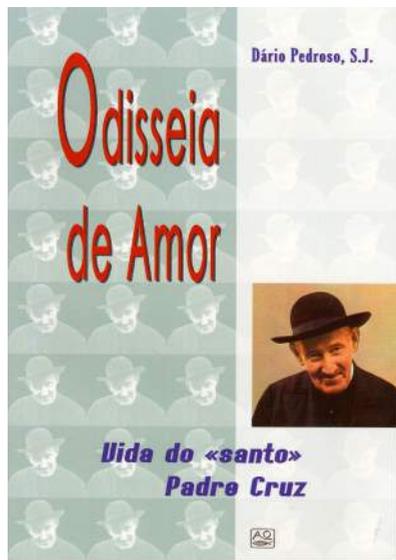
ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.